



## HISTÓRIA DA SBEM

### SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Nilza Eigenheer Bertoni

Universidade de Brasília [nilzab@conectanet.com.br](mailto:nilzab@conectanet.com.br)

Minha participação na fundação da SBEM começou naquele primeiro evento realizado na PUC, de apenas um dia, em 86, em cujo nome creio que constava a palavra Jornada e no qual se decidiu pela realização do I ENEM, ocorrido alguns meses depois, em fevereiro de 87.

O professor Ubiratan não ficou contente com o resultado e comentou, em um grupo de poucas pessoas, que o grupo que participara era significativo e representativo da área no Brasil e que a sociedade já poderia ter sido fundada durante o mesmo.

Provavelmente esse seu sentimento aumentou no I ENEM, no qual apenas decidiu-se pela fundação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, que deveria ocorrer em Maringá, no II ENEM, tendo havido a indicação de uma Comissão Central pró fundação da SBEM, com um prazo de um ano para reuniões regionais e elaboração do estatuto.. Em Brasília, tínhamos um grupo – eu, a professora Terezinha Gaspar e alguns licenciandos - trabalhando em um projeto SPEC (Subprograma Educação para a Ciência) e começamos a trabalhar pró-fundação da SBEM. Realizamos, nesse ano preparatório, várias reuniões e palestras pró-fundação da SBEM, usando o espaço de escolas públicas do DF. Talvez por isso a delegação de Brasília em Maringá tenha sido grande: além de toda a equipe do projeto, foi também um ônibus com professores das escolas públicas. Também discutimos o estatuto, e sugestões eram levadas às reuniões regionais da Comissão.

Em Maringá, continuou o trabalho sobre as propostas referentes ao estatuto enviadas a partir das reuniões realizadas . Trabalhamos vários dias, até bem tarde. No momento da Assembléia, a proposta do Bigode, solicitando aprovação por aclamação, não foi aceita e parecia que, mais uma vez, a Fundação seria adiada, agora por falta de um consenso geral

sobre certos pontos do Estatuto. O Ori e o Imenes solicitaram agilidade e limitação do tempo para a discussão, lembrando que a discussão acerca do estatuto poderia se tornar infundável, mas a vontade de ter uma sociedade era unânime, e mostrando que, se condicionássemos a fundação da SBEM a um consenso em todos os artigos, a Sociedade não sairia nunca do papel. Essa agilização foi providenciada pela Maria Laura, que presidia a mesa, tendo sido aprovado o Estatuto e logo em seguida, por aclamação, foi fundada a SBEM, um momento emocionante e inesquecível para muitos de nós. Logo depois veio a eleição da diretoria provisória, com previsão de realização de eleições para a primeira diretoria em novembro de 88, e posse em janeiro de 89. Nossa diretoria foi aclamada, por unanimidade. Estava assim constituída: Secretário Geral: Nilza Eigenheer Bertoni (UnB); 1º secretário: Antonio Pinheiro de Araújo (UFRN); 2º secretário: Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA); 1º tesoureiro: Cristiano Alberto Muniz (UnB) e 2º tesoureiro: Daniel de Freitas Barbosa (UEM). Nossa sociedade teve logo a aprovação da SBMAC, após a aclamação que fundou a SBEM. O professor Hilton Vieira Machado, como representante da SBMAC, leu uma manifestação de apoio e congratulações daquela sociedade

à

SBEM.

Agora, sobre a escolha dessa Diretoria Provisória. Eu sabia que pessoas do Rio e São Paulo, que haviam estado muito ativas em todo o processo, estavam discutindo o assunto, em Maringá. Minhas primeiras ações organizadas em Educação Matemática haviam ocorrido em 82 (formação de um grupo de egressos da licenciatura na UnB), em 83 (elaboração de um projeto de reformulação da licenciatura em Matemática na UnB) e desde 85, coordenando um projeto de reformulação curricular e metodológica do ensino fundamental de Matemática em Brasília, vinculado ao Programa SPEC, desenvolvido pela CAPES. A partir de 85 participei dos encontros dos projetos ligados ao SPEC, foi esse programa que me possibilitou conhecer e tornar-me membro da comunidade brasileira envolvida na área; época em que os educadores matemáticos brasileiros ainda não estavam organizados em sociedade.

Fui tomada totalmente de surpresa, em Maringá, com um contato que era ao mesmo tempo uma comunicação e uma consulta, feito pelo Bigode que veio manso, e foi falando aos poucos, do mesmo modo que alguém prepara para uma má notícia: "fizemos uma reunião e ficou acertado que vai haver participação de Brasília na diretoria proposta..." . Minha

reação foi que tudo bem, poderíamos participar, e aí veio o fim da comunicação: "e o seu nome está na cabeça da diretoria". A ficha demorou um pouco a cair. Devo ter perguntado quem estava propondo, se aquela era uma das chapas, e ele disse que era proposta única, de consenso. Não sei se foi na hora ou depois, mas pedi uma condição: que o Cristiano também participasse da diretoria, por ser competente, de minha confiança e morarmos na mesma cidade. Lembro-me que, logo que confirmado, Cristiano também ficou surpreso e ligou para a esposa, com quem sempre compartilhou decisões importantes de sua vida.

Como eu não via razão alguma para que o nome indicado não fosse o de alguma pessoa mais envolvida do que eu, dei-me uma explicação lógica: a escolha de meu nome deveria ter sido uma opção de 3ª via, em uma presumível disputa entre São Paulo e Rio. Externei essa opinião várias vezes: no depoimento que dei para a tese do Carlos Vianna, na entrevista que dei para a revista da SBEM, em entrevista para a tese do Denizalde. Na tese do Vianna, ele indagou o Ubiratan sobre o assunto, que respondeu de modo genérico e gentil, sem esclarecer muito. Tempos depois tive oportunidade de falar com o professor Hilton sobre minha teoria de 3ª via, que incluía a visão de que meu nome jamais fora cogitado antes, e ele foi a única pessoa que me contradisse: "isso é o que você pensa... seu nome já tinha sido falado algum tempo antes".

Fiquei surpresa. Mas não pensei em indagar: onde, quando, por quem? Achei que deveria ter sido alguma menção menos importante, feita em algum evento ou reunião envolvendo educadores matemáticos. Desse modo, sou levada a acreditar que houve duas pessoas que levantaram meu nome para essa diretoria: o Bigode e o Hilton. E que a menção anterior tenha sido feita na SBMAC.

Eleita a Diretoria, foi imediatamente providenciado material para as filiações, pois depois as pessoas não estariam presentes para fazê-lo, e nós, nem endereço tínhamos. Cristiano passou a noite toda preparando material para as filiações. Por sugestão de alguém – quem seria? - pensamos, a diretoria e os que haviam estado mais envolvidos na fundação da SBEM, em listar os nomes de todos esses que mais haviam participado nas reuniões havidas no ano anterior, e reservar a eles os primeiros números das inscrições. Seria um modo de assegurar, na memória da sociedade, os nomes desses pioneiros. Essa lista deu um total de 50 nomes. Fizemos papezinhos com números de 1 a 50 e saímos atrás das pessoas, solicitando que

tirassem um número, que seria o seu número de sócio. O Cristiano preparou um livro de inscrições com essa lista e deu sequência às inscrições no dia seguinte, conforme as pessoas se apresentavam. Foi montado um stand da SBEM e realizada a filiação, um trabalho de horas a fio, feito no braço, sem computador. No ENEM de Maringá houve ainda uma primeira assembléia da SBEM, na qual se deliberou, entre outras coisas, a contribuição anual do sócio. Nessa assembléia houve uma proposta vitoriosa do Baldino, de anular a inscrição dos 50 primeiros sócios e considerar apenas a ordem de comparecimento ao balcão de inscrições. Coube ao Cristiano comprar novo livro e refazer a numeração. De qualquer modo, não se pode deixar de pensar que apenas os que tiveram poder aquisitivo para ir ao ENEM puderam ter seus nomes como primeiros sócios.

Dessa DNE, apenas o Cristiano viu-se impossibilitado de manter-se no cargo assumido, e afastou-se do mesmo, cerca de um ano e meio depois, para iniciar seu mestrado na UnB. Ele havia entrado como professor na UnB em 1988 e ainda não tinha direito a licenças. O Daniel assumiu a função de 1º tesoureiro e para 2º tesoureiro propusemos o Antonio Villar, aqui de Brasília. Uma assembléia geral extraordinária realizada em São Paulo, durante o I EPEM, homologou a indicação de Antonio Villar (UnB) em substituição ao Daniel. Porém, como o Daniel estava em Maringá, fizemos um documento que autorizava o Villar a assinar, juntamente comigo, os documentos necessários. De modo que continuamos com dois membros da diretoria, de Brasília.

Em Brasília, iniciamos uma rotina dura: chegava e saía um fluxo respeitável de correspondência e muitas filiações foram feitas via correio. Eu despachava a correspondência e a enviava para o Araújo, para respostas e providências. Os novos sócios eram enviados ao Tadeu, para organizar as listas. Do dinheiro tratava o Cristiano, em Brasília. As pessoas enviavam cheque nominal à SBEM, mas não podíamos depositar os cheques, pois queríamos abrir a conta em banco público de presença nacional, por isso a opção foi o Banco do Brasil, mas as exigências deste Banco eram muitas, não só quanto à documentação da SBEM, que não estava registrada, mas também, à época, em relação à movimentação mínima e existência de saldo bancário razoável. Optamos por abrir uma conta conjunta, nesse banco, em meu nome e no do Cristiano. Nem me lembro como nos viramos com os impostos de renda pessoais, naqueles anos.

Havia poucas DUFs, e estávamos sempre estimulando a organização das mesmas, ainda que provisórias. Trabalhávamos com uma lista de correspondentes estaduais. Uma coisa que fizemos, logo no início, foi comunicar a fundação da sociedade ao nosso Departamento (ao qual solicitamos apoio), às universidades públicas e outras, sociedades científicas e associações congêneres no Brasil, sociedades de Educação Matemática no exterior, CAPES, CNPq. Projetamos o nome da sociedade nos meios acadêmicos e instituições de fomento, o que deve ter facilitado verbas para congressos e outras. Sempre éramos chamados para cerimônias oficiais ligadas ao meio científico, nos órgãos oficiais, ministérios e no Planalto. Se era possível, falávamos, ou então só assinávamos o livro de presença. E participávamos da fila inevitável para apertar a mão do Presidente da República.

Quanto às reuniões da diretoria, houve uma primeira, em Maringá, para decidir sobre primeiros acertos e providências; depois uma segunda, em março, em São Paulo, realizada na sala da Tânia na PUC, com quatro membros da diretoria. Três já estavam em São Paulo, para algum evento; pagamos a passagem do Tadeu de Belém para lá, mas deixamos de pagar a do Cristiano, por economia. Tratávamos ainda as coisas iniciais: cadastro de sócios, registro e regulamentação da SBEM, relações DNE/DUFs. Uma terceira reunião ocorreu antes do meio do ano em Brasília, durante dois dias. Queríamos avaliar como estava indo o funcionamento e as providências a serem tomadas, definir rotinas mínimas quanto a secretaria e tesouraria, arquivo, anuidades e custos da SBEM, definir estratégias de divulgação, criação do boletim Informes e Temas e Debates (eu e Araújo ficamos à frente deste projeto) e a participações da SBEM em vários eventos.

Acertamos as coisas principais e o papel de cada um, embora todos nós estivéssemos envolvidos em tudo. Bom, para essa reunião precisamos pagar passagens e um hotelzinho em Brasília, o que deve ter consumido cerca de 60% dos recursos que tínhamos. O espaço de que pude dispor, no Departamento, foi o do Laboratório de Ensino, com cadeiras desconfortáveis., de modo que mudamos a reunião para uma salinha do hotel onde o pessoal estava hospedado.

Dois desafios iniciais que tivemos foram o da obtenção do registro da sociedade em Cartório de títulos e Documentos e do CGC da sociedade. Que foi uma burocracia incrível, o Daniel em Maringá, onde o registro tinha que ser feito, sinalizando falta disso, aquilo,

ainda não deu, e atas, e documentos assinados pela diretoria, que percorriam o Brasil – de Brasília a Natal, a Belém, a Maringá, sem dinheiro para pagar sedex. Mas conseguimos ambos, o registro e o CGC. Demoraram bastante (setembro e dezembro de 88, respectivamente).

Tínhamos um boletim chamado Informes, algumas folhinhas de papel mimeografado (é isso mesmo) para comunicação com os sócios, cuja linha de produção e envio era um drama – datilografar, rodar, dobrar, endereçar, levar ao correio. Teve marido de professora do projeto fazendo etiqueta em seu computador pessoal e minha faxineira me ajudando no transporte da carga ao correio. Teve uma vez que o Tadeu assumiu a postagem lá por Belém, então sua esposa, a Terezinha Valim, que havia ido a Brasília, passou em casa à noite, no fim da reunião que havia tido, para pegar um grande saco de viagem carregado de Informes, tão pesado que até quebrou a rodinha, no aeroporto. Não tínhamos estrutura nenhuma, nem computador, nem e-mail, nem telefone na sala.

Também lançamos a publicação Temas e Debates, que tinha uma concepção interessante – a partir de números temáticos, previa-se a manifestação dos sócios, que deveria ser respondida pelos articulistas em um próximo número. Infelizmente, essas manifestações não ocorreram. Os números iniciais deveriam atender às questões: Para que a Matemática hoje? O que ensinar de Matemática hoje? Como ensinar Matemática hoje? Por que a Matemática hoje? O primeiro número saiu na reprografia do departamento de Matemática da UnB, por obra e graça do Talmari e do Manoel, funcionários dedicados e cooperativos. Como aquele tipo de publicação jamais havia sido feito ali, para caber no formato que queríamos cada página foi muito reduzida, o que tornou a edição quase ilegível (felizmente a Salett reeditou esse número e mais alguns).

Fizemos alguns acordos de cooperação, com a SPM, do Paraná e a APM, de Portugal. Estava em andamento um com a SBPC, não sei como ficou. Houve certa articulação com a SBMAC, havia idéia de um encontro comum, mas as coisas ficaram no meio do caminho. Além de tudo esse era um ano de ICME na Hungria, e eu estava às voltas com os trâmites para minha participação e com cartas às agências de fomento informando sobre a importância do evento e a necessidade de apoio aos pedidos de ajuda. Nesse congresso, participamos de uma reunião congregando sociedades de vários países, fizemos uma

reunião meio tumultuada com os participantes brasileiros, em um final de noite, e participamos da reunião preparatória do CIBEM de Sevilha, em 1990.

Em novembro de 88, um pouco atrasada, foi enviada uma proposta para a realização de eleição, que previa envio de sugestões até dezembro, votação em março de 89 e posse em abril. Eu pensava que já haveria grupos ansiosos pela convocação, mas, para nosso espanto, não houve nenhuma inscrição.

Enviamos então novo edital, no primeiro semestre de 89, que também ficou sem retorno, o que nos deixava em posição perplexa e de muito desconforto.

Em 89 demos prosseguimento às publicações: Informes 2 e 3, Temas e Debates 2. O Daniel assumiu a edição do segundo número por Maringá e essa edição solucionou os problemas gráficos da primeira.. Além disso mandávamos um Informativos às DUFs e, nos estados onde não existiam, aos correspondentes estaduais, e também Circular aos sócios, quando necessária. As necessidades das DUFs eram as mais variadas possíveis: pediam idéias para sensibilizar para novas adesões à SBEM, roteiro para proposta de eventos às Agências Financiadoras, endereços das mesmas etc. Fizemos também intensa divulgação da SBEM em encontros e congressos.

Em 89 atingimos nosso milésimo sócio, o que foi comemorado informalmente por mim, pelo Villar, mais alguns colaboradores, em nossa sede, no Laboratório de Ensino da UnB.

Propusemos e realizamos duas mesas-redondas na reunião da SBPC em Fortaleza, sem despesas, porque cada participante já estava indo por conta de sua instituição. Para essa eu consegui que o novo chefe concordasse em me dar passagem pelo Departamento. Uma das mesas foi realizada em conjunto com outras sociedades (SBHC, SBM, SBMAC e SPM), sobre "A formação do professor de matemática do 1º e 2º graus para a realidade brasileira atual e as necessidades da Universidade para desenvolver essa formação". O professor Clóvis Pereira da Silva, da SPM coordenou a mesa e pela SBMAC participou a professora Marluce da Veiga Pessoa. A outra mesa era sobre Pesquisa e Ação em Educação Matemática, com a Maria Bicudo, Lucia Tinoco e Zelia Hygino.

No segundo semestre de 89 convocamos todos os sócios para Assembléia da SBEM no EPEM. Nessa Assembléia houve homologação da data do III ENEM, da indicação do Antonio Villar para 2º tesoureiro, de nova data – a terceira - para o processo eleitoral, no primeiro semestre de 90, devendo se prorrogar ao ENEM, em caso de chapa única. Foi

também aprovada a prorrogação do mandato da DNE provisória até o III ENEM. De um ano previsto para seu mandato, a diretoria provisória permaneceu no cargo durante dois anos e meio.

Bom, depois teve o preparo do ENEM de Natal, coordenado pelo Araújo, que lhe custou um desgaste muito grande e que teve que ser adiado, para evitar a alta estação em janeiro. O dinheiro do encontro não saía e a sociedade teve que adiantar a ele o que tinha.

Em Natal propusemos, em Assembléia, a alteração do estatuto, propondo juntar a maior parte dos membros da diretoria em uma mesma região, devido aos problemas que havíamos tido, o que foi aprovado. Foi terrível a dificuldade no aparecimento de uma chapa, em Natal. Lembro-me que, na assembléia geral, no momento em que abri para as inscrições, pois ainda não havia nenhuma, houve um silêncio completo, de gelar a espinha. Principalmente a nossa, que já havíamos feito três convocações de eleições sem resultado. Lembro-me de ter proposto algo como uma interrupção temporária da Assembléia, para que pessoas preocupadas com a situação pudessem sair para uma articulação. Não sei se chegou a ocorrer, só me lembro da voz da Maria Bicudo, muito grave, cheia de reticências e de ressalvas, quebrando o silêncio e dizendo que, se não houvesse nenhum outro grupo a se apresentar, ninguém mais interessado mesmo, então, eles, de Rio Claro etc. Foi a salvação. Fizeram uma diretoria com quatro membros de Rio Claro e um de Campinas.

A transição de uma diretoria à outra teve seus percalços. Havia material a ser passado de Natal, Brasília e Belém. Para a realização da 1ª Jornada de Temas e Debates, em Rio Claro, que orientaram a publicação dos novos "Temas e Debates", não havia recursos financeiros. Entretanto, antes mesmo que fosse publicado o Temas e Debates resultante da reunião, foi feito o repasse à nova diretoria do dinheiro investido no encontro de Natal, que já havia sido reposto. Mas não apareceu nenhuma nota mencionando isso, na publicação. Também houve um fato de apoio e ajuda da diretoria provisória à nova, que foi a participação substantiva da diretoria provisória na elaboração do projeto da revista da SBEM, que sempre estivera em nossa cabeça. Quando saiu novo edital do SPEC, não me lembro como foi, acertamos com a nova diretoria que faríamos a elaboração da primeira parte do projeto (justificativa, objetivos, metas, cronograma, a proposta em si, resultados esperados etc), sem o orçamento. Com ele pronto, fui a Rio Claro entregá-lo e trocar idéias, mas creio que não houve mudança alguma. O pessoal de Rio Claro assumiu então a elaboração do



orçamento do Projeto. E quem recebeu a aprovação do projeto e a verba foi a Salett, que fez bom uso dela. A revista constituiu, assim, um elo integrativo entre as três primeiras diretorias.

Falando do SPEC, creio que foi muito importante sua coexistência com os primeiros anos da sociedade. Muitos dos educadores matemáticos participaram dos projetos do SPEC; por sua vez, o programa permitiu a ampliação dessa comunidade, pelo apoio a bolsas de formação acadêmica em Educação Matemática no exterior, à participação em congressos, no Brasil ou fora, e também à criação de cursos de mestrado na área. Na 1ª Jornada para o Temas e Debates 3, em Rio Claro, a escolha dos participantes revela bem a necessidade, sentida por um Curso de Mestrado em EM, de manter essa coexistência.

Gostaria de falar sobre minhas expectativas iniciais em relação à sociedade e sobre como a vejo hoje. Eu tinha, o que era compartilhado por muitos daquela época, a expectativa de a sociedade vir a trazer uma significativa melhora para o ensino de matemática no Brasil, ou melhor, para aquilo que começávamos a perceber como educação matemática. De alguma forma, fiquei meio intrigada, meio decepcionada, quando, em uma fala no 1º ENEM a respeito do mestrado de Rio Claro, o Dante disse algo como não se tratar de um mestrado para o ensino, mas de um mestrado acadêmico. Acho que ali ele abriu, para mim, a dicotomia que poderia existir entre o olhar voltado para a práxis de educação matemática e uma postura acadêmica nessa área de conhecimento. Como se essa postura pudesse ser dissociada de uma melhor relação de professores e alunos com a matemática e o mundo, interrelacionados.

De alguma forma, suas palavras foram proféticas. Porque, se, de um lado, a área acadêmica cresceu a olhos vistos, não houve praticamente impacto em salas de aula, tampouco nas Licenciaturas, nessas quase duas décadas de existência da SBEM. As dimensões do país não podem ser explicação para isso. Elas não impediram que os centros de pós-graduação em Educação Matemática se tornassem conhecidos e representativos. Mas não emergiram cursos de Licenciatura em Matemática conhecidos pela competência dos professores que formam, em desenvolver a educação matemática entre seus alunos. Se houvesse, esses cursos estariam sendo procurados, seus egressos estariam sendo valorizados e recrutados.

Não há, tampouco, cidades ou bairros conhecidos por suas escolas demonstrarem uma mudança substantiva em suas propostas curriculares de matemática, em direção a uma educação matemática.

Em Brasília, onde tivemos sempre essa preocupação, algumas coisas começam a acontecer. Recentemente, organizamos uma semana de programas para o Salto para o Futuro e eles se interessaram por filmar na capital do país ações de professores em sala de aula. Não foi difícil indicar algumas dessas escolas, ou melhor, professores. Isso ocorre como fruto de alguns fatores, entre os quais citamos: oficinas regulares da SBEM para professores ( 22 oficinas estão programadas para 2004, 9 realizadas antes do 8º ENEM); Mestrado em Educação com grande procura em Educação Matemática, acadêmico e articulado à prática de educação matemática; ações na Licenciatura em Matemática e na graduação em Pedagogia. Por último, gostaria de citar um fator ao qual venho dando cada vez mais importância: cursos de formação semipresencial, em serviço. O grupo de Educação Matemática de Brasília tem estado presente na chamada para esses cursos. Destacamos um curso de formação superior para professores das séries iniciais, cujo nome é PIE, para o qual escrevemos módulos e desenvolvemos tutoria, e outro, de formação continuada para professores de 5ª a 8ª série, denominado GESTAR II, mudando para EDUCANDO PELA MATEMÁTICA, cuja produção está terminando e a implantação começando. O primeiro alcança 2000 professores da rede pública do Distrito Federal e o segundo deverá alcançar 60.000 professores das regiões norte, nordeste, centro-oeste do país. Em ambos, a impregnação da Educação Matemática é patente: os professores aprendem vivenciando processos de Educação Matemática e são orientados e instigados a criar situações pedagógicas para seus alunos de acordo com o modo como a aprendem. De modo especial, o curso para professores de 5ª a 8ª traz textos de apoio da área de Educação Matemática e explícita, ao longo dos cadernos, a articulação entre o modo de aprender e as teorias apresentadas.

De algum modo, creio que deveríamos reunir e socializar o que tem sido feito nas várias regiões.

Em termos nacionais, a Diretoria dispõe, para atuar nessa direção de mudanças na sala de aula, do Encontro Nacional e da revista. Esses meios deveriam ter alcance massivo, com divulgação do ENEM em entrevistas e lembretes colocados na mídia, nas secretarias de

educação, nos sindicatos e associações, nas universidades, mencionando data e o site a consultar, o mesmo ocorrendo com a revista, que, além de ampla divulgação deveria ficar on line. A visibilidade dos resultados do ENEM deveria ser maior. Por exemplo, poderia ser feito um tipo de Anais didático, por tema e nível, com resumos e contato com os autores.

Temos também considerado uma chamada para a participação dos pais, como condição essencial para assegurar o sucesso de mudanças curriculares e de práticas pedagógicas.

Em resumo, consideramos essencial a SBEM orientar-se para uma participação mais atuante na mídia e uma posição mais definida frente a políticas públicas que afetam a área, e para a superação do descompasso entre o avanço dos centros de pós-graduação na área e a impregnação da educação matemática nas salas de aula.

Afinal, temos que mostrar a que viemos.

## **SBEM de janeiro de 1992 a julho de 1995: entre dificuldades e possibilidades**

Maria Salett Biembengut

[salett@furb.br](mailto:salett@furb.br)

Universidade Regional de Blumenau – FURB

### **Resumo**

A Sociedade Brasileira de Educação Matemática – SBEM dispõe atualmente de número significativo de sócios, publicações de bom nível e, ainda, reconhecida pela comunidade acadêmica e órgãos oficiais da Educação. Sem dúvida, para nós educadores matemáticos em geral, e fundadores em particular, isso nos dá plena satisfação. Contudo, por trás dessa organização e desse reconhecimento, há um grupo de pessoas voluntárias, que trabalham e esforçam-se para realizarem sonhos, idéias, crenças em realidade. Neste texto, apresento breve relato sobre a gestão da SBEM entre os anos de 1992 a 1995, período em que estive presidente.

#### **1. Apresentação**

A Sociedade Brasileira de Educação Matemática – SBEM completa 16 anos de fundação com número significativo de sócios, publicações de bom nível e, ainda, reconhecida pela comunidade acadêmica e órgãos oficiais da Educação. Sem dúvida, para nós educadores matemáticos em geral, e fundadores, em particular, nos dá plena satisfação. Contudo, por trás desta organização e desse reconhecimento há um grupo de pessoas voluntárias, que se esforçaram e se esforçam para tornar sonhos, idéias, crenças em realidade. Sem falsa modéstia, considero-me do grupo que construiu a SBEM, em particular, entre o período de janeiro de 1992 a julho de 1995. Devido às peculiaridades dessa gestão, suponho relevante relatar aos novos integrantes da SBEM os ‘multi-fios’ que nos embrenharam e nos levaram a assumir e conduzir trabalho tão desafiante como o foi o de presidir a SBEM. Assim, passo a seguir, breve depoimento sobre dificuldades e realizações nesse período.

#### **2. A idéia de assumir a diretoria da SBEM**

Sou sócia fundadora da SBEM. Posso afirmar que fiquei sócia sem ter claro o que significava isso para mim. Professora de Ensino Fundamental e Médio, na época, e iniciando o Mestrado em Educação Matemática, estava presente no II ENEM em Maringá-

PR (janeiro de 1988) para apresentar duas comunicações. Atendendo a solicitação de alguns colegas naquele momento, filiei-me a SBEM. Do momento da filiação (jan/88) até assumir a diretoria (jan/92), nunca me inteirei das questões da SBEM. Não por descaso, mas por desconhecimento da importância de uma Sociedade dessa natureza para a Educação Matemática brasileira.

A partir de 1990, atuando na Universidade Regional de Blumenau – FURB, aceitei coordenar junto com o professor José Valdir Floriani, educador matemático e Pró-reitor de Ensino, nesse período, a organização do IV ENEM que viria realizar-se em janeiro de 1992. Em meio à euforia do ENEM, após um intenso trabalho para organizar esse Evento, um grupo de pessoas sugeriu que ‘nós’ da FURB assumíssemos a SBEM. Isso porque não havia naquele momento algum grupo interessado ou disposto em levar adiante especial missão.

O professor Floriani julgou a idéia boa e me ‘instigou’ a ser presidente (na época a denominação era Secretária Geral), prometendo o apoio dele (como pró-reitor) e da FURB. Sem refletir sobre o que isso significava aceitei e, juntamente, com Floriani e outros colegas, formamos uma diretoria e um plano de atividades para ser apresentado na assembléia da SBEM, no último dia do ENEM. A diretoria da SBEM ficou composta por mim – Secretária Geral (presidente) e os professores José Valdir Floriani – 1º Secretário; Luiz Aniceto Mundi – 2º Secretário; Nelson Hein – 1º tesoureiro e Lili A Kavelage – 2ª tesoureira. Foi muito simples fazer uma lista de coisas que faríamos, sem ter noção sobre como as faríamos. Assumimos a diretoria da SBEM no dia 31 de janeiro de 1992.

### 3. Os começos

Tão logo encerrou o IV ENEM, o professor Roberto Baldino, vice-presidente da diretoria anterior, deixou na sala do Departamento de Matemática algumas caixas nas quais se continham documentos e respectivos materiais da SBEM. Ao ver essas caixas é que me dei conta do desconhecido que eu havia assumido. Fiquei atônita por uns dias e resolvi pedir auxílio ao professor Baldino para saber o que deveria fazer e, então, respondeu-me para que abrisse as caixas e passasse a ler o que havia dentro.

Naquele instante, senti-me incapaz de levar adiante esse empenho e desejei voltar atrás e desistir. Mas, como bem afirma Bonder<sup>1</sup> “que a impossibilidade é uma condição momentânea, e quem sabe disto não desiste; e que nenhuma outra postura é tão instigadora de criatividade e intuição quanto o não desistir”, passei a tomar ciência do que era uma Sociedade, do que era a SBEM: documentos, projeto, sócios, boletim informativo, publicações, dentre outros documentos.

Depois de alguns dias, recebi uma carta do professor Ubiratan D’Ambrosio com as primeiras sugestões. Dentre elas, a de enviar cartas para alguns órgãos governamentais e não governamentais, bem como para algumas pessoas, representantes de entidades que a integração da SBEM seria relevante. Vale ressaltar que o professor D’Ambrosio foi meu maior e principal guia durante toda gestão.

Nesse momento, também, o reitor da FURB, professor Celso Zift, cedeu uma sala com algum mobiliário e duas máquinas de escrever, e ainda, uma funcionária, Arlei Trentini, que esteve na diretoria da SBEM comigo, em especial, por três anos e meio - meu ‘lado direito’. Juntas, durante esse percurso, trabalhamos, entristecemos, decepcionamos e alegamos com muitos fatos.

Sem ainda me inteirar completamente dos documentos, as tarefas começaram a se avolumar: acertar a documentação da SBEM, abrir conta bancária, encaminhar correspondências oficiais, justificar as atividades que a SBEM iria desempenhar junto ao Conselho da Universidade. Além disso, passaram a chegar cartas de professores das mais diversas regiões do Brasil, interessados em associarem-se, levantarem suas pendências e/ou pagarem a taxa de anuidade, saberem onde e quando haveria congressos e cursos, e até saberem como ensinar determinado conteúdo. Chegaram um montante de cartas. Nos dois últimos anos de gestão, chegávamos a receber cerca de 100 cartas por semana.

É interessante ressaltar que no primeiro ano, cada carta recebida, mesmo para se efetuar o pagamento da taxa de filiação, eu as respondia uma a uma, respostas pessoais. Primeiro, de forma manuscrita, depois passava para a Arlei datilografar e, então, encaminhar por correio postal. Um verdadeiro trabalho artesanal.

---

<sup>1</sup> BONDER, Nilton. *O Segredo Judaico de Resolução de Problemas: a utilização da ignorância na resolução de problemas*. Rio de Janeiro: Imago. 1995.

Logo no primeiro mês, também, procurei organizar o Boletim Informativo, para garantir a periodicidade. A SBEM ainda não dispunha de uma logomarca. Dessa forma, com o apoio do Luiz Mundi, jornalista da FURB e 2º Secretário da SBEM, providenciamos a feitura da logomarca e criar uma diagramação nova ao Boletim Informativo. O problema agora era: onde, como e com quem obter informações para o Boletim. Aliás, problema que me acompanhou durante toda a gestão. Mesmo quando uma pessoa, ou um colega aceitava enviar alguma informação, na maioria das vezes, para obtê-la era preciso telefonar algumas vezes para lembrar ou cobrar a promessa.

Vale destacar que sendo o trabalho dos membros da SBEM voluntário e que as atividades de cada um na Universidade requeria tempo integral, (as atividades pela SBEM não faziam parte oficialmente as dedicadas à Universidade) poucos eram os momentos em que podiam auxiliar nas ‘n-tarefas’ da SBEM. O que acabou por sobrecarregar a mim e a secretária da SBEM, a Arlei Trentini. Diante disso, à medida que o tempo foi passando, consegui aprender algumas coisas, dentre elas, administrar o tempo tão escasso, principalmente, por ter que dividi-lo para dar conta das 40 horas/aula semanais na FURB. Assim, aos poucos padronizei respostas de alguns tipos de carta (recebimento de pagamento, filiação, dentre outras). Muito desse trabalho foi facilitado quando a FURB nos cedeu dois computadores e uma impressora – quase um ano depois do início da gestão.

#### 4. As publicações

Durante a gestão anterior, foi encaminhado a CAPES um projeto para se efetuar publicações da SBEM: Boletim Informativo, Temas e Debates e Revista. Embora o projeto tenha sido aprovado ainda na gestão anterior, parte do recurso foi anunciada liberação quase dois anos depois de assumirmos a SBEM. Como isso era anunciado ‘em cima da hora’ e, devido a alta inflação existente na época, era preciso ‘correr’ para realizar a proposta ou perderia-se o recurso.

A Revista da SBEM deveria ser voltada aos interesses dos professores de Ensino Fundamental e Médio. Mas, para fazer uma revista, é preciso de textos, artigos. Artigos suficientes para serem selecionados. E mais, tempo suficiente para que o comitê científico pudesse avaliar. Ainda, seriam necessários um editor, um coordenador e um revisor. Além disso, as condições não eram favoráveis, pois além da ausência de uma equipe com

competência para tal, não dispúnhamos de conhecimentos para gerenciar e, tampouco, de artigos suficientes. O que fazer?

Diante disso, mais uma vez o professor D'Ámbrosio sugeriu que elegêssemos um tema e, também, um coordenador que responsabilizasse pela organização de cada uma das Revistas. Assim, realizamos as quatro primeiras revistas da SBEM, que denominamos *Educação Matemática em Revista*: sobre os seguintes temas: *Etnomatemática*, *O Ensino da Matemática no 1º Grau*, *Séries Iniciais* e *Geometria*, sob a coordenação de Geraldo Pompeu, Nilza Bertoni, Manhucia P. Liberman e Geraldo Perez, respectivamente. Para as revistas “*Educação Matemática em Revista*” foi contratada uma empresa para criar capa e fazer a diagramação, a edição e a impressão. A revisão ficava por nossa conta de nós, Arlei e eu. Vale lembrar que o dia em que a primeira Revista ficou pronta e chegou a nossa sala, Arlei e eu choramos de emoção. O trabalho, o desgaste, a tensão, a ansiedade que tivemos para torná-la real foram grandes demais.

Além das “*Educação Matemática em Revista*”, foram realizados quatro reuniões ou eventos relativos aos ‘*Temas e Debates*’ e, respectivamente, a publicação dos resultados. Os *Temas e Debates* foram sobre os seguintes temas: Seminário Nacional de *História do Ensino da Matemática*, *O Ensino de Cálculo*, *Formação de Professores de Matemática e Fundamentos da Educação Matemática* sob a Coordenação dos seguintes professores: Clóvis Pereira da Silva, Roberto Ribeiro Baldino, Geraldo Perez e Antonio Miguel, respectivamente. Na gestão anterior, já haviam sido realizados três *Temas e Debates*. Como os dois primeiros estavam esgotados, também, foram reeditados.

Outra coisa a salientar é que a cada Boletim (bimestralmente), cada Revista (semestralmente), cada *Temas e Debates* (semestralmente) concluídos eram encaminhados para todos os sócios e algumas Instituições. Isto implicava em colocar cerca de cinco mil Revistas ou Boletins no envelope, fechá-lo, colocar a etiqueta e, depois, por em caixas para serem enviadas ao correio. Quem fazia isso? É claro: Arlei, eu e nossos familiares. A cada envio ficávamos até altas horas da noite na Universidade para não atrasarmos o encaminhamento.



## 5. A representatividade

Durante a atividade na SBEM continuei com o trabalho que vinha desenvolvendo desde 1986 com Modelagem Matemática no Ensino. Os resultados desses trabalhos levavam diversas Instituições a convidarem-me para apresentá-los. Isso me oportunizava estar presente em Eventos (Cursos, Congressos) em diversos Estados brasileiros, assim, aproveitava neste momento para divulgar a SBEM e atrair sócios. Vivía carregando a mala cheia de boletins informativos, fichas de filiação e as demais publicações. Parecia vendedora ambulante. Certamente, isso contribuiu para passarmos de 1500 sócios em 1992 para 5000 em 1995. Por exemplo, quando a primeira revista ficou pronta, graças a esses convites, foi possível fazer o lançamento em vários lugares: UnB – Brasília -DF, PUCCAMP – Campinas – SP, UNOCHAPECO – Chapecó – SC e PUC de Salvador – BA.

Durante o IV ENEM, também, cometi a loucura de aceitar coordenar o II Congresso Ibero-Americano de Educação Matemática - II CIBEM. Esse evento aconteceu em Blumenau em julho de 2004. Fizeram-se presentes 1050 professores de 18 países. Por sorte, durante o II CIBEM o Brasil ficou tetra campeão no futebol no dia 17 de julho, momentos antes da abertura do Congresso, a temperatura de Blumenau passou dos 26 graus e a semana foi ensolarada em pleno período de inverno (que em geral é chuvoso e frio). Além disso, as happy hours eram animadíssimas, diariamente, no Biergarten. Sem dúvida, isso contribuiu para o sucesso do II CIBEM e, por consequência da SBEM, pois embora o II CIBEM era de responsabilidade da FURB, foi possível tornar a SBEM parceira nesse evento. Acredito que a divulgação das minhas pesquisas e, ainda, a promoção do II CIBEM permitiram maior representatividade da SBEM no Brasil e em diversos países das Américas e da Europa.

## 6. O final da gestão

Conforme expus no início, assumi a SBEM “sem querer”. Levei em frente, por falta de coragem de desistir ou, talvez, por audácia. Atuei como amadora, com certa ingenuidade, por desconhecimento na área e por falta de tempo para aprender. Nos três anos e meio de SBEM fui editora de jornal, revisora de publicações, carregadora de caixas, ‘coladora’ de etiquetas em envelope, organizadora de eventos, dentre tantas e tantas outras coisas. Certamente, erreí muito, acertei às vezes. Os acertos foram méritos dos amigos que

enviavam sugestões, auxiliavam e orientavam e dos duros críticos que por diversas vezes e de diversas formas mostravam minhas falhas e denunciavam minha incompetência. Os acertos certamente, também, advieram do apoio constante dos mais diversos setores da Universidade que sem esses nada teria sido possível.

Se não foi possível melhor gestão, foi possível pelo menos deixar marcas, delinear caminhos e instigar o desejo e o empenho de algumas especiais pessoas para conduzir a SBEM — Conduzir com a competência merecida pelos Educadores Matemáticos de nosso país.

**A Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM):  
de 1986 a 2004, e além.**  
Romulo Campos Lins<sup>2</sup>  
(Resumo)

Por que a SBEM foi fundada? A fundação é que marcou a existência da SBEM, ou ela já existia antes, não oficializada? Partindo destas duas questões, e passando pela discussão que levou ao primeiro estatuto da SBEM, e a sua estrutura organizacional, e também considerando que a SBEM abriga uma gama ampla de concepções sobre o que seja “educação matemática”—em particular, “ensino de Matemática” e “educação através da Matemática”—apresentarei um argumento que busca mostrar a necessidade, no presente momento, de se iniciar um debate sobre a identidade da SBEM (e, como consequência, sobre a identidade de nossa comunidade), e sobre as consequências do que pode resultar deste debate.

---

<sup>2</sup> Depto. de Matemática/Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, IGCE/UNESP-Rio Claro. Presidente da SBEM de 1995 a 1998.

**A Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM):  
de 1986 a 2004, e além.**

Romulo Campos Lins<sup>3</sup>

Por que a SBEM foi fundada? Esta é uma questão interessante, mas para tentar responde-la acredito que é melhor esclarecer, primeiro, quando a SBEM efetivamente se constituiu.

Oficialmente, a SBEM foi fundada em janeiro de 1988, em assembléia realizada durante o Segundo Encontro Nacional de Educação Matemática (II ENEM). Mas eu penso que antes disto, no I ENEM, no começo de 1987, a SBEM já existia. E mesmo antes disto, em 1986, quando foi decidido, por um grupo de educadores matemáticos e educadoras matemáticas, que o encontro de 87 seria realizado.

Este meu entendimento se explica com uma resposta à questão indicada no primeiro parágrafo. Eu penso que a SBEM foi fundada como uma oficialização, com ritual e cartório, da existência de uma comunidade profissional que já possuía identidade bem antes da oficialização. Em tudo, este processo se assemelha ao que fazem casais que já moravam juntos sem se casar, e a certa altura decidem “oficializar o relacionamento”. Este meu entendimento se opõe à tese de que a SBEM foi fundada como forma de enfrentar a opressão que a comunidade dos matemáticos realizava sobre a comunidade dos educadores matemáticos; não que não houvesse tensão aí, mas não considero que a SBEM tenha surgido por isso. Vou voltar a este ponto mais adiante.

De meu ponto de vista, então, a SBEM se constituiu no momento em que aquele grupo decidiu que fazia sentido organizar um encontro com aquele nome, ENEM, um encontro *Nacional* e um encontro de *Educação Matemática*. A importância simbólica disto é maior do que a importância simbólica da oficialização. E mais, a organização do I ENEM não aconteceu com sentimentos de confrontação ou insegurança. Um exemplo claro do sentimento de segurança de então, é o fato de que a equipe organizadora não estruturou o evento ao redor de nomes famosos, que poderiam “promovê-lo”—como em encontros que anunciam a vinda de um famoso educador deste ou daquele país. Ao contrário, o I ENEM foi um encontro científico, para o qual as pessoas enviaram suas propostas de apresentação ou mini-cursos, para serem avaliadas, e aceitas ou não, e sendo um encontro científico nacional, sua organização foi a afirmação da existência de uma comunidade nacional da área. É por isto que afirmo que deve-se entender que, em 1986, quando da decisão de

---

<sup>3</sup> Depto. de Matemática/Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, IGCE/UNESP-Rio Claro. Presidente da SBEM de 1995 a 1998.

realizar um encontro assim, esta comunidade também já existia, na percepção dos organizadores.

Voltando ao espírito que animou a fundação da SBEM. Há, até hoje, certa polêmica sobre o tema, há quem acredite que estávamos, na verdade, cometendo um ato—justificado—de confrontação com relação aos matemáticos. Eu disse que me oponho a esta tese, mas com isso quero apenas dizer que eu acho que para a maioria das pessoas envolvidas, não era este o espírito. Recusamos, sim, uma oferta da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), feita de maneira indireta—através de um de seus associados—para que nos tornássemos parte da Seção de Ensino da SBM, ao invés de criarmos a SBEM, mas esta recusa foi feita de maneira clara e sóbria, o que reforça minha tese.

É fato conhecido que a comunidade dos matemáticos, em sua maioria, sempre viu a atividade de professores de escola como necessária e até socialmente importante, mas secundária em termos de status acadêmico. Mas foi exatamente neste contexto que a comunidade da Educação Matemática se formou, ao longo dos anos, e isto não apenas no Brasil, de modo que não se tratava mais, em nosso caso, de um grito de “Independência ou Morte”, e sim de um desfile, uma parada, para comemarmos nosso orgulho em sermos a comunidade que acreditávamos ser.

De todo modo, a afirmação de que estávamos em modo de confrontação indica algo importante. Pode ser que as pessoas que viram assim o processo de fundação, o fizeram porque haviam se sentido efetivamente oprimidas no interior da comunidade dos matemáticos, mais explicitamente, os matemáticos e matemáticas que trabalhavam em departamentos de Matemática e haviam migrado ou estavam migrando para a Educação Matemática.

O que há de interesse nisto, é ser um traço seguro da diversidade de percepções que encontramos dentro da comunidade da Educação Matemática, a de então e a de hoje, o que me leva a perguntar que concepções a SBEM representou no passado, representa hoje, e que concepções ela pode ou deve representar daqui em diante, e faço a pergunta, agora, de maneira absolutamente geral. Tentar responder a esta pergunta pode servir para entendermos melhor o que a SBEM realizou até aqui, sua trajetória, e o que ela pode plausivelmente realizar a partir daqui.

Tudo isto dito, acredito que não pode haver dúvida de que a oficialização da SBEM representou um importante fato simbólico para a comunidade, em termos de seu crescimento e em termos de sua visibilidade, por exemplo, com relação aos órgãos educacionais governamentais (MEC-CAPES, secretarias, CNPq, e assim por diante). E também, é claro, foi parte importante deste processo a criação de programas específicos de pós-graduação em Educação Matemática, primeiro o da UNESP-Rio Claro, depois o da

Universidade Santa Úrsula-RJ (lamentavelmente já extinto), e depois o da PUC-SP. Não é à toa que das seis gestões da SBEM até aqui, em quatro delas a presidência foi ocupada por um docente de um destes programas, com participação expressiva, nestas diretorias, de outros docentes destes programa ou de profissionais egressos deles.

Uma outra evidência de que os “pioneiros” acreditavam na existência de uma comunidade, está na opção de estrutura para a sociedade que foi implementada a partir das discussões de elaboração do primeiro regimento.

A primeira grande discussão no interior da sociedade foi sobre se iríamos ser presidencialistas—uma sociedade nacional, com ramificações regionais—, ou uma sociedade com espírito de federação—estaduais fortes e DNE coordenadora. Um exemplo forte de federação é o da Espanha, onde o movimento de sociedades de Educação Matemática começou na Andaluzia, com a Sociedade Thales, com base em Sevilla, e depois que outras sociedades independentes foram sendo organizadas, chegou-se à formação da Federación Española de Sociedades de Profesores de Matemáticas ([www.fespm.org](http://www.fespm.org)).

Venceu, no primeiro estatuto da SBEM, o espírito de federação, e isto mostra que as pessoas ali envolvidas acreditavam que havia força suficiente, nos estados, para que as regionais se organizassem mais ou menos rapidamente, e pudesse ficar ativo o espírito federativo.

Além das discussões sobre que instâncias decisórias teríamos, Conselho Nacional Deliberativo, por exemplo—que, aliás, só começaram a ser implementadas na gestão de Tânia Campos—, apresentou-se, ao mesmo tempo, a questão de como reafirmar, desde o início, aquele espírito. Assim, ficou decidido que a Diretoria Nacional Executiva (DNE) teria que ter, necessariamente, membros de pelo menos três das cinco regiões geográficas do país (N, NE, C-O, SE, S). Forçar isto num tempo em que não existiam as Diretorias de Unidades da Federação, mas existia a consciência de que havia desigualdades na capacidade de mobilização e organização entre as diversas UF e regiões, institui uma espécie de esquizofrenia institucional. Repudiava-se o centralismo, ao mesmo tempo em que não se acreditava que *naturalmente*, apenas por força do crescimento das regionais, ele fosse ser evitado.

Mas há outra esquizofrenia: desde o seu início, a SBEM esteve dividida entre “ensino da matemática” e “educação matemática”. “Ensino da matemática” é, basicamente, aquele modo de pensar que coloca o conteúdo matemático na frente do carro e ponto de partida, seja na forma de fórmulas e algoritmos, seja na forma de “modos de pensar” (demonstrar, deduzir, definir); o que importa é “ensinar matemática”. Já “Educação Matemática” é, em meu entendimento, educação *através* da Matemática.

Esta segunda esquizofrenia, ao contrário da anterior, tem impacto direto na direção das ações da sociedade, por exemplo, em relação às políticas educacionais. Que imaginário representa, afinal, a SBEM? Não se trata de supor uma sociedade monolítica com relação a esta questão, mas devemos ser capazes de dizer, no mínimo, se é mais para este lado ou mais para aquele.

Eu penso que, em termos da maioria de seus associados, a SBEM representa o ensino da Matemática, em seus diversos sabores e matizes, embora caiba repetir que há também os que entendem “educação matemática” como “educação *através* da Matemática”.

O que deve uma diretoria fazer, frente a um quadro assim? Eu penso que, neste momento, o mais correto é abrir o debate sobre a identidade da SBEM, que é, eu penso, nosso grande problema hoje.

Não há como a SBEM crescer o quanto pode, e precisa, se esta questão não for debatida e esclarecida—o que não quer dizer chegar à conclusão de que somos só isto ou só aquilo. Na dúvida gerada pela falta de debate, ficamos tímidos, para não correremos o risco de parecermos impositivos.

A SBEM surgiu das decisões de um grupo razoavelmente pequeno, e no interior dele, em sua diversidade, foi exemplar o exercício do debate e do respeito. Este grupo tinha uma visão do que fosse a comunidade de forma mais extensa, e pautou suas decisões nesta visão. Hoje a SBEM tem mais de 13 mil associados; como promover um debate que sustente decisões representativas?

Eu afirmo, como o fiz na época de nossa gestão (1995-1998), que independentemente de qualquer outra consideração, isto só será possível se a SBEM tiver uma estrutura administrativa profissional e independente de qualquer instituição—em nossa história, sempre esta ou aquela universidade. Fundamentalmente, porque só faz sentido promover este debate se for para superarmos a atual situação—na qual falamos praticamente apenas como indivíduos, frente aos órgãos governamentais—, e para isto a SBEM precisa ter poder de fogo, alcance; 13 mil associados, em relação a um sistema escolar como o brasileiro, é  *muito pouco*. Infelizmente, se fossemos, hoje, à grande mídia, e conseguíssemos passar aos 50 mil associados—o que, acreditem, não é difícil—, a SBEM iria desmoronar como se colocássemos um ferro de passar roupas sobre um castelo de cartas.

No entanto, profissionalizar a estrutura administrativa da SBEM não é difícil, é principalmente uma questão de vontade política. No passado, acreditou-se que para publicar a revista da SBEM era imperativo o financiamento externo. Hoje, sabe-se que não. No passado, acreditou-se que encontros de Educação Matemática só podem ser organizados

com o financiamento de alguma agência de fomento. Hoje, sabe-se que não. De modo similar, é possível dar uma sede própria à SBEM, e uma equipe administrativa com autonomia adequada. O tempo em que a DNE podia, ela mesma, colar os selos em todos os envelopes da mala-direta da SBEM já acabaram. Não é possível cobrar 50 mil associados um a um, e por isto implementamos a cobrança bancária por boleto; não é possível ter uma base de dados de associados em cada estado—e com dados diferentes dos que estão na base de dados da nacional—, e por isso implementamos uma base centralizada, com o repasse financeiro sempre feito da nacional para a estadual.

Eu acredito que, neste ponto da história da SBEM, nosso grande desafio é promover o debate sobre a identidade da sociedade—identidade em termos de concepção de Educação Matemática, e identidade em termos de concepção de estrutura de organização da sociedade—, e sobre quais são as consequências dos resultados deste debate.



## **História da SBEM**

Tânia Maria Mendonça Campos – [tania@pucsp.br](mailto:tania@pucsp.br)

A delegação brasileira à 6ª Conferência Interamericana de Educação Matemática em Guadalajara, México, em novembro de 1985, foi das maiores em eventos internacionais dessa área de conhecimento. Eram onze especialistas de diferentes Estados da Federação, a saber: Ubiratan D’Ambrósio, Terezinha Nunes, Esther Grossi, Eduardo Sebastiani Ferreira, Anna Franchi, Vânia Maria Pereira dos Santos, Lucília Bechara Sanches, Antônio Silva e Luiz Carlos Guimarães. A surpresa de muitos em participarem da maior delegação estrangeira no evento foi superada pelo fato de poucos se conhecerem entre si ou não conhecerem o teor dos trabalhos e pesquisas dos colegas. Foi assim que este grupo decidiu, num memorável jantar, retomar os congressos brasileiros de Educação Matemática e criar a Sociedade Brasileira de Educação Matemática.

A PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, foi a primeira Universidade a sediar o I ENEM – Encontro Brasileiro de Educação Matemática em 1987, coordenado pela Profa. Dra. Tânia Maria Mendonça Campos e foi no I ENEM que foi decidida a criação da SBEM – Sociedade Brasileira de Educação Matemática que foi finalmente fundada em 1988 no II ENEM – Encontro Brasileiro de Educação Matemática realizado na cidade de Maringá, Paraná. A Profa. Nilza Bertoni foi eleita a primeira Secretária Geral da Sociedade e foi sua a responsabilidade de implantar esta Sociedade que se solidificou num processo democrático tendo atingido nos dias de hoje 15.000 sócios.

A sede jurídica da SBEM até hoje está em Maringá onde foi feito seu registro com os nomes dos sócios fundadores quando de sua criação. No entanto a sede fiscal tem acompanhado a Direção eleita da SBEM, a cada 3 (três) anos. Quando uma nova Diretoria elege-se todos os documentos da SBEM transferem-se para o novo endereço, o que de certa maneira tem causado transtorno. A sede fiscal da SBEM tem mudado conforme o endereço de cada nova diretoria.

Até hoje realizamos 7 (sete) Encontros Nacionais de Educação Matemática sediados conforme segue:

I ENEM	1987	São Paulo/SP	PUC/SP
II ENEM	1988	Maringá/PR	Universidade Estadual de Maringá
III ENEM	1990	Natal/NT	Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
IV ENEM	1993	Blumenau/SC	Fundação Universitária Regional de Blumenau - FURB
V ENEM	1995	Aracaju/SE	Universidade Federal de Sergipe - UFSE
VI ENEM	1998	São Leopoldo/RS	UNISINOS
VII ENEM	2001	Rio de Janeiro/RJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
VIII ENEM	2004	Recife/PE	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Estes encontros têm recebido a massa crítica de professores/pesquisadores que trabalham nesta área de conhecimento vindos de todas as Unidades da Federação. Tem sido uma oportunidade única para intercâmbios e trocas de experiências entre os professores de matemática especialmente os em exercício. A SBEM promove também um evento de caráter internacional dirigido especialmente para pesquisadores denominado SIPEM, Seminário Internacional de Pesquisas em Educação Matemática. O I SIPEM aconteceu em Serra Negra em 2000 e o II SIPEM aconteceu em Santos em 2003. O SIPEM atua como centro de debates sobre a produção na área de Educação Matemática, propiciando o desenvolvimento de uma análise crítica dessa produção. No momento doze grupos de pesquisa estão em atuação e discutem a Educação Matemática, a História da Matemática e Cultura, as Novas Tecnologias e Ensino à Distância, a Formação de Professores que Ensinam Matemática, a Avaliação em Educação Matemática, os Processos Cognitivos e Lingüísticos na Educação Matemática, a Modelagem, a Filosofia da Educação Matemática e o Ensino de Probabilidade e Estatística. O SIPEM - Seminário Internacional de Educação Matemática é realizado a cada 3 (três) anos. As Diretorias Regionais da SBEM promovem também Encontros Regionais e Fórum Regionais de Discussões cujos resultados posteriormente são debatidos em Fóruns Nacionais.

A SBEM é regida por um estatuto construído por um grupo de professores comprometidos com sua criação entre 1987 e 1988. É uma sociedade civil, de caráter científico e cultural, sem fins lucrativos e sem qualquer vínculo político, partidário e religioso. Tem como finalidade, de acordo com o Art.2.o do seu estatuto, e observados os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e eficiência:

**I** - congregar profissionais da área de Educação Matemática, bem como outros profissionais interessados nesta área ou áreas afins, com o fito de promover o desenvolvimento desse ramo do conhecimento científico;

**II** - atuar junto aos órgãos governamentais na formulação, execução e avaliação da Política Nacional de Educação e, em especial, da Educação Matemática;

**III** - atuar como centro de debates sobre a produção na área de Educação Matemática, propiciando o desenvolvimento de uma análise crítica dessa produção;

**IV** - orientar e atuar na obtenção de recursos para o desenvolvimento de atividades na área de Educação Matemática;

**V** - estimular atividades de pesquisa na área de Educação Matemática;

**VI** - promover estudos e pesquisas, desenvolvimento de tecnologia alternativas, produção e divulgação de informações e conhecimentos técnicos e científicos referentes às atividades ligadas à Educação Matemática, nos termos do que dispõe a Lei Federal n.º 9.790, de 23 de março de 1999.

Sofreu algumas modificações no decorrer de seus anos de vida, foi assim que a Diretoria Nacional Executiva que era presidida por um Secretário Geral passou a ser presidida por um Presidente em 1995. Atualmente a Diretoria Nacional Executiva – DNE, esta assim constituída: Presidente; Vice-Presidente; 1º Secretário; 2º Secretário; 3º Secretário; 1º Tesoureiro e 2º Tesoureiro. As Unidades da Federação estão organizadas em Diretorias Regionais que no dia de hoje são em número de 16 (dezesseis). Todas estão juridicamente constituídas e registradas no Cartório de Maringá, são elas:

Diretoria Regional do Amazonas - Diretor Regional: Maria Auxiliadora Bento  
Moreira

Diretoria Regional da Bahia - Diretor Regional: Olga Maria Barreiro Claro

Diretoria Regional do Ceará - Diretor Regional: Maria Gilvanise de Oliveira Pontes

Diretoria Regional do Espírito Santo - Diretor Regional: Roseane Sobrinho Braga

Diretoria Regional de Goiás - Diretor Regional: Zaira da Cunha Melo Varizo

Diretoria Regional de Minas Gerais - Diretor Regional: Tânia Margarida Lima Costa

Diretoria Regional do Mato Grosso do Sul - Diretor Regional: Marilena Bittar

Diretoria Regional da Paraíba - Diretor Regional: Rômulo Marinho do Rego

Diretoria Regional do Paraná - Diretor Regional: Carlos Roberto Vianna

Diretoria Regional de Pernambuco - Diretor Regional: Paulo Figueiredo Lima

Diretoria Regional do Rio de Janeiro - Diretor Regional: Estela Kaufman Fainguelernt

Diretoria Regional do Rio Grande do Sul - Diretor Regional: José Carlos Pinto Leivas

Diretoria Regional de Rondônia - Diretor Regional: Marlos Gomes de Albuquerque

Diretoria Regional de Santa Catarina - Diretor Regional: Inês Liamar Rogovski

Diretoria Regional de São Paulo - Diretor Regional: Vinício de Macedo Santos

Diretoria Regional de Sergipe - Diretor Regional: Telma Alves de Oliveira

Está previsto no Estatuto da SBEM uma reunião semestral da Diretoria Nacional Executiva com os Diretores Regionais para definir a política nacional da Sociedade. Estas reuniões começaram a acontecer a partir de 1998. É o Conselho Nacional Deliberativo – CND, um órgão colegiado constituído pelos Diretores das Regionais e representantes das mesmas. É nesta instância que atualmente a política nacional da SBEM é democraticamente decidida. A SBEM será tão mais representativa e fortalecida, quanto for forte seu CND e suas Regionais. Somente Regionais fortes farão funcionar uma Sociedade Nacional forte. Por isso é importante que cada um dos sócios, cada professor que está na ponta do sistema, faça-se representar em sua Regional e solicite informações das decisões do CND, o que

sabemos não ser nada fácil para uma sociedade que tem cerca de 15.000 (quinze mil) sócios.

A SBEM tem se feito representar e tem mostrado a que veio nos seus 16 (dezesesseis) anos de existência. Tem sido representada no Ministério da Educação, nas Secretarias de Educação e no Ministério de Ciência e Tecnologia. Tem ocupado espaços importantes e contribuído para implementação de políticas públicas educacionais. Muitos de seus membros tem ocupado papel de destaque nas comissões nacionais devido a contribuição que tem dado à área e a seus currículos. Muitos de seus membros participam de Comissões Científicas de Eventos Internacionais Representativos da área e participam também de Comitês Científicos de Revistas Internacionais indexadas e bem referenciadas. A SBEM está representada na área de conhecimento em que atua.

A SBEM tem sua revista: Educação Matemática em Revista com periodicidade, regularidade em sua distribuição e com todos seus artigos arbitrados por dois membros do Conselho Editorial da SBEM, que são em número de 12 (doze), eleitos quando se elege cada nova Diretoria a cada 3 (três) anos. A Educação Matemática em Revista publica artigos de interesse do professor que ensina Matemática.

Buscando atualizar-se no mundo das mídias digitais a SBEM criou seu site onde as últimas notícias são veiculadas e onde qualquer pessoa pode falar com a Diretoria.

Finalmente sinto muito orgulho em ter sido Presidente da SBEM na gestão 1998 – 2001. Trata-se de uma Sociedade que tem uma Diretoria Nacional Executiva forte porque forte são nossas Diretorias Regionais e forte é cada professor de matemática que de sua sala de aula dá vida a esta Sociedade que não para de crescer.

## **A Sociedade Brasileira de Educação Matemática: avanços e desafios.**

**Célia Maria Carolino Pires**

**Presidente da SBEM. Gestão julho de 2001 a julho de 2004**

### **Resumo**

Sem dúvida, é uma honra participar de uma mesa que reúne presidentes da SBEM. Como é uma honra, uma oportunidade singular, presidir a Diretoria Nacional Executiva da Sociedade Brasileira de Educação Matemática. Levar adiante um projeto lançado, em janeiro de 1998, por educadores matemáticos do Brasil. Partilhar essa tarefa com colegas dos diferentes cantos do nosso país, assistir ao nascimento de novas diretorias, ver o esforço para organizar eventos, para envolver cada vez mais gente. É ao mesmo tempo, tarefa árdua. A SBEM, por seu tamanho atual e pelas responsabilidades que terá que assumir, daqui para frente, precisará cada vez mais, investir num processo de “profissionalização”. O voluntarismo, embora sempre fundamental em instituições sem fins lucrativos, já não atende às demandas do funcionamento da sociedade. Será necessário investir numa infraestrutura mais potente, que dê apoio aos dirigentes, nacional e regionalmente. O fortalecimento da SBEM certamente passa pelo dinamismo de suas regionais, no sentido de oferecer atividades sistemáticas e freqüentes - oficinas, palestras, feiras – e isso só pode ser feito com o envolvimento de muitas pessoas. As idéias são muitas e fervilham nas reuniões do Conselho Nacional Deliberativo. Mas é preciso ter condições de assumir tarefas e executá-las. Há ainda uma barreira a ser vencida: a da aproximação maior entre os sócios que são pesquisadores e os sócios que são professores, ou seja, uma aproximação maior entre todos os que estão comprometidos com o fortalecimento da Educação Matemática em nosso país. Além disso, e talvez ainda por muitos anos, será preciso “matar um leão por dia” e lutar pelos espaços na mídia e nos órgãos que gerenciam políticas públicas, para demonstrar que educadores matemáticos são matemáticos interessados em educação e não matemáticos frustrados, para mostrar que Educação Matemática é uma área de conhecimento, com pesquisas e ações práticas, partilhadas por matemáticos que dão aula, matemáticos que investigam, matemáticos que formam outros professores. “Matar tantos leões” exigirá sempre muito trabalho e muita união.

### Texto na íntegra

Estamos no final de nossa gestão, iniciada em julho de 2001. Momento de fazer balanços e de refletir sobre a SBEM, sobre seus avanços e desafios.

Um fato é inconteste: a SBEM cresceu. No período de julho de 2001 a julho de 2004, os dados evidenciam um crescimento do número de total de sócios da ordem de 64%.

Brasil	Região	Julho de 2001	Maior de 2004(*)	% de crescimento
	Norte	368	726	97%
	Nordeste	1648	2703	64%
	C.Oeste	911	1502	65%
	Sudeste	3924	6357	62%
	Sul	2704	3541	31%
Total	-	9555	14829	63,8%

Até a gestão anterior já estavam organizadas 13 (treze) DR: Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe. Nesta gestão foram organizadas 9 (nove) Diretorias Regionais nas seguintes unidades da federação: Acre, Amazonas, Ceará, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Tocantins e Rondônia. Foram feitos contatos e está sendo estimulado o processo de organização nas 5 (cinco) Unidades da Federação restantes, a saber: Alagoas, Amapá, Maranhão, Piauí e Roraima. Esses dados são bastante auspiciosos. Tanto o aumento do número de sócios como a organização das regionais representam o fortalecimento da sociedade em suas bases. Essa conquista deve-se principalmente ao empenho de um grupo de pessoas, ainda muito reduzido, que trabalha com muito vigor e entusiasmo em suas regiões. No entanto, mesmo com o significativo aumento do número de sócios, o número ainda é pequeno se levarmos em conta o número estimado de professores de Matemática que atuam na Educação Básica em nosso país – cerca de 100 mil. Assim, consideramos necessário continuar investindo fortemente nessa meta de crescimento.

Outro avanço importante diz respeito ao funcionamento do Conselho Nacional Deliberativo. Na gestão anterior, presidida pela Profa. Dra. Tânia Maria de Mendonça Campos, da qual participei como 1ª. Secretária, as reuniões semestrais do CND se consolidaram. E permitiram a construção de uma gestão participativa e colegiada. Algumas pessoas avaliam que há um gasto considerável para a realização dessas reuniões. No

entanto, não vemos como elas podem deixar de existir se desejamos uma SBEM forte e articulada.

Na contabilização de avanços, não podemos deixar de destacar a consolidação dos Seminários Internacionais de Pesquisa em Educação Matemática, que passam a integrar, juntamente com os ENEM, o calendário “obrigatório” da nossa sociedade. No II SIPEM, tivemos a participação de 300 pesquisadores e uma das características desse encontro foi a maciça presença de jovens pesquisadores. Os SIPEM e os grupos de pesquisa são um importante avanço em termos da organização da Sociedade para uma de suas importantes tarefas, ou seja, atuar como centro de debates sobre a produção na área de Educação Matemática, propiciando o desenvolvimento de uma análise crítica dessa produção. Os SIPEM cumprem tarefas importantes como as de divulgar as pesquisas existentes no âmbito da Educação Matemática, promover o encontro dos pesquisadores em Educação Matemática, proporcionando-lhes a possibilidade de conhecer as investigações que estão sendo realizadas por eles neste momento, propiciar a formação de grupos integrados de pesquisas que congreguem pesquisadores brasileiros e estrangeiros e possibilitar o avanço das pesquisas em Educação Matemática.

Nesta gestão da SBEM deu especial atenção à publicação de Educação Matemática em Revista, tendo a importante e decisiva participação dos membros do Comitê Editorial. Recebemos uma quantidade bastante expressiva de artigos de pesquisa e relatos de experiência que, por sua qualidade, têm garantido o bom alto nível de qualidade da revista como também a possibilidade de divulgar os avanços da Educação Matemática aos professores de matemática, associados à SBEM. Outra conquista importante foi a de garantir, em cada número da revista, uma entrevista com nomes importantes da Educação Matemática em nosso país, dando continuidade às entrevistas apresentadas nos números da gestão anterior. Desse modo, a SBEM reuniu e divulgou, nas duas últimas gestões, o pensamento de 10 educadores matemáticos como: Ubiratan D’Ambrósio (EMR no.7), Maria Laura Mouzinho Leite Lopes (EMR no. 8), Scipione de Pierro Neto (EMR no. 9/10 ), Eduardo Sebastiani Ferreira (EMR no.11), Martha Maria de Souza Dantas (EMR no. 12 ), Manoel Jairo Bezerra (EMR no.13 ), Nilza Eigenheer Bertoni (EMR no. 14), Manhúcia Liberman (EMR no. 15 ), Estela Kaufman Fainguelernt (EMR no.16) e Oswaldo Sangiorgi (EMR no.17).



Com a finalidade de dar visibilidade ao trabalho dos grupos de pesquisa, fazendo sua produção chegar aos professores, foi lançada em 2003, ano comemorativo dos 15 anos da SBEM uma coleção de livros com o título SBEM - Biblioteca do Educador Matemático. A publicação de volume I, indicado pelo grupo de pesquisa História da Matemática e Cultura, tem o título de Euclides Roxo e a modernização do ensino de Matemática no Brasil. O grupo de pesquisa Educação Matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental, organizou o volume II. Os demais grupos de pesquisa também foram convidados a organizar suas publicações e deverão ampliar a coleção de títulos, que deve também tornar-se numa fonte de recursos para que a sociedade possa investir mais em publicações.

Buscando contribuir para a formação continuada de seus associados, na atual gestão inauguramos os cursos on line. Tivemos a honra de contar no curso inaugural com a participação de um de nossos presidentes de honra, o tão estimado Professor Ubiratan D' Ambrósio, que discutiu os temas “Por que se ensina Matemática” e “O uso de calculadoras”. O curso desenvolveu-se em 2003 e teve a participação de quase 300 associados da SBEM. Em 2004, oferecemos o curso “A Geometria na Grécia Antiga”, proposto pelo Professor Vincenzo Bongiovanni, que contou com a participação de associados de vários estados da federação e estudou a obra de Tales de Mileto, Pitágoras de Samos, Eudoxo de Cnido, Euclides de Alexandria, Arquimedes de Siracusa, Apolônio de Perga e Ptolomeu. O convite para o oferecimento de cursos está permanentemente aberto.

Um dos maiores investimentos da atual gestão foi a discussão sobre a reorientação dos cursos de Licenciatura em Matemática. Foram realizados Fóruns Regionais para a discussão dos Cursos de Licenciatura em Matemática (2002), um Fórum Nacional para a discussão dos Cursos de Licenciatura em Matemática (2002) e organizado um número especial de EMR para subsidiar as discussões nos fóruns. No final do fórum nacional foi elaborado um documento que foi encaminhado ao CNE e ao MEC mas, infelizmente, não sensibilizaram as autoridades para a necessidade de rever as diretrizes específicas para os cursos de matemática. Dando continuidade à discussão sobre a formação de professores de Matemática, a SBEM realizou o I Seminário Nacional dos para a discussão dos Cursos de Licenciatura em Matemática, em Salvador/Bahia, em abril de 2003. Nesse seminário foram discutidas as pesquisas nacionais sobre a formação de professores e o conteúdo do

Documento Preliminar contendo a síntese das DR SBEM sobre os cursos de Licenciatura em Matemática. Também foi organizado um CD com os anais do Seminário Nacional, para os participantes do Seminário e disponibilizado aos sócios no Site da SBEM.

Ao longo desta gestão, a SBEM participou de eventos em que foram discutidos diferentes aspectos das políticas públicas nacionais. No dia 15 de julho de 2003, a SBEM participou da Audiência Pública sobre o tema Avaliação no Ensino Superior, realizada no âmbito da 55ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC, em Recife/PE. Participou de eventos realizados pela SEMTEC/MEC. Num deles foi apresentado o projeto de avaliação dos livros didáticos do ensino médio e outro, em que foi instalado um Fórum das Sociedades Científicas para debater os currículos para o ensino médio. É importante destacar que a SBEM não se envolveu institucionalmente no PNLD. A SBEM foi solicitada a encaminhar nomes de sócios, professores de universidades, para acompanharem a aplicação do ENC, conhecido como Provão. A listagem de nomes foi elaborada a partir dos nomes fornecidos pela DRs e enviada ao MEC. Por solicitação da SEMTEC, enviamos em 2003, sugestões de temas, conceitos, centros de pesquisa e pesquisadores para a série de programas: “Tomando Ciência!”, mas não fomos mais informados sobre o andamento desse projeto. Enviamos também matérias para a revista do Ensino Médio, selecionadas dentre artigos já aprovados pela Comissão Editorial da SBEM. A SBEM fez duas visitas oficiais ao MEC, uma na gestão do Ministro Cristovam Buarque e outra na gestão do Ministro Tarso Genro, para apresentar a Sociedade e colocar-se à disposição no sentido de colaborar com as ações do MEC que estiverem relacionadas à Educação Matemática.

Em diferentes oportunidades, nos anos de 2003 e 2004, a SBEM foi convidada a participar de reuniões no MEC, em que eram discutidas questões referentes à organização dos currículos de Matemática para a Educação Básica. Tal fato motivou a proposição de fóruns regionais (realizados de março a maio de 2004) e de um Fórum Nacional, realizado nos dias 4 e 5 de junho, com o objetivo de sistematizar as discussões feitas nos fóruns regionais realizados pelas Diretorias Regionais da SBEM, a respeito dos currículos de Matemática para a Educação Básica no Brasil e de sua implementação. Para esse Fórum Nacional, a SBEM convidou o Professor Dr. Luis Rico, da Universidade de Granada, especialista em currículos de Matemática. As discussões desse Fórum devem compor um

documento que representa a posição da SBEM, a ser divulgado à comunidade de educadores matemáticos e aos órgãos competentes.

Na atual gestão, a Sociedade Brasileira de Educação Matemática participou da criação da FEDERAÇÃO IBERO-AMERICANA DE SOCIEDADES DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – FISEM e sua presidente professora Célia Maria Carolino Pires, foi eleita como primeira presidente da FISEM, em evento que reuniu em Tenerife, Espanha, em julho de 2003, as Sociedades de Educação Matemática dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Espanha, Paraguai, Peru e Uruguai. Um dos aspectos discutidos nessa reunião foi a compatibilização de mandatos da FISEM com os das sociedades que a integram. Foi proposto pela presidente da SBEM e aprovado pelos demais membros, que o(a) presidente da FISEM que encerrasse seu mandato na Sociedade de origem, em meio ao mandato, seria automaticamente substituído pelo presidente eleito dessa Sociedade. Ou seja, o mandato pertence à Sociedade e não ao seu presidente, individualmente. São finalidades da FISEM: Representar, quando necessário, as sociedades federadas, ante organismos públicos e privados. A representação se entende que é sempre para tratar de assuntos relacionados com os fins da Federação que são, estritamente profissionais e acadêmicos; Estabelecer e manter relações com organismos públicos e privados que podem incidir em seu campo de ação assim como colaborar em tudo que redunde a melhora da Educação Matemática. A FISEM, pela natureza de sua composição e pelos objetivos que persegue, não atuará jamais com critérios partidários nem como apoio a idéias de políticas governamentais; Propiciar e fomentar a investigação e a inovação em Educação Matemática; coordenar os trabalhos que realizem as distintas Sociedades federadas através da informação, orientação e assessoramento às mesmas e de sua difusão; Promover atividades que tenham como finalidade estudar e debater temas relacionados com a Educação Matemática, sejam de tipo geral ou de tipo monográfico; Publicar documentos e materiais que sejam considerados de interesse para conseguir os objetivos a que se propõe a FISEM em seu estatuto. A SBEM também se fez representar em eventos da comunidade iberoamericana, a saber, o CIAEM, em Blumenau e a RELME, no Chile, ambos realizados em julho de 2003. Deverá participar da organização do próximo CIBEM em Portugal e do Encontro do Cone Sul, em São Paulo, que será coordenado por mim, a convite da Professora Nelly Tápias. A SBEM também recebeu convite para integrar o CLAME e organizar um dos próximos eventos da RELME.

Numa das reuniões do Conselho Nacional Deliberativo, foi proposta a criação, em âmbito Nacional, do Dia Nacional da Matemática, elegendo a data de 6 de maio, aniversário de Malba Tahan. Procuramos alguns deputados, solicitando a eles que encaminhassem nossa proposta. A Deputada, Professora Raquel Teixeira, do Estado de Goiás, acolheu nossa solicitação e apresentou o Projeto de Lei que está tramitando no Congresso, com grandes chances de ser aprovado.

Outra atividade iniciada nesta gestão, mas que teve sérias restrições ao seu desenvolvimento, por problemas de financiamento, foi a criação do Prêmio “Incentivo a Experiências bem sucedidas na área de Educação Matemática”, em escolas brasileiras instituído pela Diretoria Nacional Executiva da SBEM e aprovado em reunião do Conselho Nacional Deliberativo dessa sociedade, tem por finalidade, valorizar professores que ensinam Matemática, em diferentes níveis da escolaridade. O prêmio é concedido a 12 (doze) professores de rede pública ou privada, sendo 3 (três) trabalhos de educação infantil e/ou séries iniciais (1ª a 4ª) do Ensino Fundamental, 3 (três) trabalhos de séries finais (5ª a 8ª) do Ensino Fundamental, 3 (três) de Ensino Médio e 3 (três) de Ensino Superior. O prêmio também tem como finalidade, promover o debate, a disseminação e a troca de informações sobre as investigações e as práticas inovadoras na área de Educação Matemática.

Nas reuniões do CND, iniciamos algumas discussões sobre a compra de uma sede em que funcionaria uma estrutura administrativa da Sociedade (cogitou-se ser em São Paulo, por ser o estado com maior número de sócios), mesmo que a presidência estivesse alocada em outro estado. Isto conferiria maior autonomia à Instituição e diminuiria os transtornos provocados a cada mudança de gestão, com o deslocamento de documentos, revistas etc. Consideramos muito importante aprofundar essas discussões e também a organização de uma infraestrutura mais “profissional” para o gerenciamento da sociedade.

Para finalizar, gostaria de lembrar que ENEM é festa. ENEM é confraternização. ENEM é celebração de sentir-se educador matemático, num ambiente afetivo que não se esgota na experiência intelectual. Nestes dias estamos podendo expressar valores, formas de conceber problemas humanos e sociais, estamos podendo apreciar dimensões estéticas e nos emocionar. Que a Festa do VIII ENEM traga bons fluidos para a próxima gestão, é o desejo da gestão que termina sua missão nesta Festa do VII ENEM.